CRPRS
Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul

COLEÇÃO

Cuidados Psicossociais a Pessoas, Famílias e Comunidades Afetadas por Situações de Violência Extrema em Escolas

ORIENTAÇÕES A PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA SOBRE ESTRATÉGIAS DE APOIO À GESTÃO DO CUIDADO

OUTUBRO DE 2025

© 2025 Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. É permitida a reprodução desta publicação, desde que sem alterações e citada a fonte.

Referências bibliográficas conforme American Psychological Association (2020). Publication Manual of the American Psychological Association (7th ed.). Washington, DC: Author.

Documento digital no Brasil – OUTUBRO/2025.

Organização

Adriana Silveira Cogo (CRP 06/86792)
Ana Cecilia Weintraub (CRP 06/78123)
Beatriz Schmidt (CRP 07/20972)
Debora da Silva Noal (CRP 01/16679)
Fernanda Serpeloni (CRP 05/60246)
Flávia Cardozo de Mattos (CRP 07/15863)
Ingrid Barbosa Betty (CRP 06/120610)
Tyele Goulart Peres (CRP 07/29258)
Vanessa Algeri (CRP 07/19378)

Gestão Avançar a Psicologia RS (2025 - 2028)
Jeniffer Moreira de Mello (CRP 07/30807)
Athena Bittencourt Martins Camargo (CRP 07/30760)
Gestão Frente em Defesa da Psicologia RS (2022 - 2025)
Luciana Barcellos Fossi (CRP 07/14667)
Comissão de Ecologias, Emergências e Desastres
Comissão de Educação

Projeto gráfico e diagramação

Maria Eduarda Cunha da Silveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cuidados psicossociais a pessoas, famílias e comunidades afetadas por situações de violência extrema em escolas [livro eletrônico] : orientações a profissionais de psicologia sobre estratégias de apoio à gestão do cuidado. -- Porto Alegre, RS : Conselho Regional de Psicologia do RS, 2025.
PDF

Vários organizadores.
ISBN 978-65-87089-19-5

1. Aconselhamento 2. Atendimento psicológico 3. Psicologia 4. Violência nas escolas 5. Vítimas de violência - Aspectos psicológicos.

25-309915.0 CDD-362.8292

Índices para catálogo sistemático:

1. Vítimas de violência : Apoio psicológico : Problemas sociais 362.8292

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Direitos para esta edição – Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul: Av. Protásio Alves, 2854/301, CEP: 90410-006, Porto Alegre/RS
(51) 3334-6799 | 0800 001 0707
E-mail: crprs@crprs.org.br
http://www.crprs.org.br

Este material reúne orientações emergenciais para psicólogas[1] , em diferentes contextos institucionais. O objetivo é apoiar a gestão integral do cuidado a pessoas, famílias e comunidades afetadas por situações de violência extrema em escolas.

O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTE MATERIAL?

1. Cenários de Violência Extrema em Escolas

2. Ciclo da Gestão Integral de Riscos e Desastres (GIRD)

3. Premissas da Gestão do Cuidado

4. Articulação com o Comitê Gestor da Crise

5. Estratégias para Articulação em Rede

6. Materiais de Apoio

Clique nos títulos para navegar pelo material

1 De acordo com o Censo da Psicologia (CFP, 2022), 79,2% da categoria se identifica como mulher. Por isso, com o objetivo de garantir uma linguagem inclusiva de gênero, optou-se por referenciar a categoria no feminino. Dessa maneira, sempre que aparecerem palavras no feminino, como "psicólogas", estão incluídos todos os gêneros.

1. CENÁRIOS DE VIOLÊNCIA EXTREMA EM ESCOLAS

O QUE É UMA SITUAÇÃO DE "CRISE AGUDA"?

Uma "crise aguda" é um acontecimento inesperado e impactante, que tende a gerar sofrimento em todos os envolvidos, ainda que em diferentes intensidades e formas. Representa também um momento de virada, exigindo reorganização individual, institucional e coletiva.

Esses eventos trazem repercussões para muito além do espaço escolar e, por isso, a gestão do cuidado deve considerar de que forma a resposta, bem como as demais etapas do ciclo de Gestão Integral de Riscos e Desastres (GIRD), estão ocorrendo, a partir do lugar institucional que a psicóloga ocupa.*

As estratégias de cuidado devem estar embasadas em premissas éticas, teóricas e técnicas alinhadas à proposta da GIRD.

*** A psicóloga pode ocupar diferentes espaços:**

- Sistema Único de Saúde (SUS);
- Sistema Único de Assistência Social (SUAS);
- Contextos escolares ou universitários;
- Entidades públicas e privadas;
- Organizações governamentais e não governamentais;
- Ações voluntárias ou comunitárias;
- Outras inserções.

Nota sobre o cuidado a autor(es) de violências em escolas

Há um amplo e complexo debate, com diferentes perspectivas teóricas e éticas, sobre a pessoa autora de uma ação de violência interpessoal grave (frequentemente chamada de "perpetrador"). Embora o presente material não se proponha a aprofundar o tema, é importante lembrar que o cuidado ao autor da violência e a seus familiares também é responsabilidade dos serviços públicos de saúde e deve seguir as normas legais e institucionais vigentes.

- Sempre que possível, as equipes que cuidam do autor da violência devem ser diferentes daquelas que atuam junto às vítimas e suas comunidades.
- Essa separação preserva a ética do cuidado, protege vínculos e evita revitimização.
- A distinção entre equipes favorece abordagens mais seguras e qualificadas para todas as pessoas envolvidas.

2. CICLO DA GESTÃO INTEGRAL DE RISCOS E DESASTRES (GIRD)

Ao abordar estratégias emergenciais de saúde mental e atenção psicossocial (SMAPS) em situações de violência extrema em escolas, é importante compreender o ciclo da GIRD.

Esse ciclo mostra que um evento crítico exige diferentes ações, em momentos distintos: antes, durante e depois da ocorrência. É composto por cinco etapas, que se conectam e podem se sobrepor:

Prevenção • Mitigação • Preparação • Resposta • Recuperação/Reconstrução

Compreender esse processo contínuo ajuda a planejar o cuidado de forma longitudinal e articulada, considerando que cada escola sempre está inserida em alguma dessas etapas. Portanto, em tempos de "normalidade" (i.e., quando a instituição não está vivenciando um evento crítico), a ênfase é na gestão do risco, ao passo que em tempos de "exceção", a ênfase é na gestão do desastre.

A seguir, são apresentadas sugestões de ações que podem ser consideradas pela gestão e por professores e funcionários, conforme o momento vivido.

VOCÊ SABIA?

A Lei nº 13.935/2019 garante a presença de psicólogas e assistentes sociais nas redes públicas de educação básica. Essa inserção favorece o fortalecimento de ações de prevenção da violência, a promoção da saúde mental e a construção de protocolos intersetoriais entre escola, família e comunidade, elementos essenciais para reduzir vulnerabilidades e aumentar a resiliência institucional.

PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO

A prevenção e a mitigação dizem respeito ao funcionamento habitual da comunidade escolar. Nessa fase, o foco é mapear potenciais riscos, fortalecer vínculos e preparar o ambiente para enfrentar eventos críticos, caso ocorram. Algumas ações possíveis:

- ◊ Educação para a convivência e cultura de paz: inserir temas e práticas que reduzam conflitos, incentivem o diálogo e promovam vínculos protetivos.
- ◊ Materiais psicoeducativos: produzir conteúdos sobre perdas, luto, *bullying*, *cyberbullying* e prevenção da violência.
- ◊ Plano de Contingência: elaborar e divulgar um plano que indique riscos, responsabilidades e fluxos de ação em caso de crise.
- ◊ Ambiente seguro: revisar rotas de fuga, combinar procedimentos de evacuação, definir contatos de emergência e responsabilidades durante um evento crítico.
- ◊ Treinamentos preventivos: realizar formações e simulações para preparar equipes escolares e comunitárias.
- ◊ Articulação em rede: promover encontros entre escola, saúde, assistência social, segurança pública e outros serviços locais, para fortalecer vínculos e comunicação.

PREPARAÇÃO

A etapa de preparação serve para testar e treinar estratégias de resposta a situações críticas, antecipando possíveis cenários. Exemplos de ações:

- ◊ Simulados intersetoriais: exercícios práticos com estudantes, professores e equipes de saúde, segurança e defesa civil, avaliando a capacidade de resposta conjunta.
- ◊ Canais de comunicação: criação de grupos, listas de transmissão ou sistemas de alerta entre escolas, famílias, órgãos de saúde, segurança e defesa civil.
- ◊ Treinamentos integrados: capacitação sobre primeiros cuidados psicológicos e acolhimento em situações de crise.
- ◊ Avaliação de riscos e vulnerabilidades: revisar periodicamente o plano de contingência e as estratégias adotadas.

Essas práticas fortalecem a coordenação entre setores e ajudam a escola a reagir de maneira organizada, caso ocorra um evento crítico.

RESPOSTA

A resposta é o momento em que o evento crítico está acontecendo. Nessa etapa, a prioridade absoluta é proteger vidas humanas e garantir o máximo de segurança possível para todas as pessoas envolvidas. As principais ações incluem:

- ◊ Colocar em prática os planos e protocolos construídos nas etapas anteriores.
- ◊ Proteger as pessoas.
- ◊ Preservar os pertences e o espaço atingido, sempre com respeito e dignidade.
- ◊ Ativar o Comitê Gestor da Crise, responsável por coordenar as decisões e articular as instituições envolvidas.

Nas seções 4 e 5 do presente material, constam orientações específicas sobre o Comitê Gestor e a articulação em rede.

RECUPERAÇÃO/RECONSTRUÇÃO

Depois de um ataque ou evento de violência extrema, inicia-se a etapa de recuperação/reconstrução, em que o foco é restaurar a confiança, a rotina e o sentimento de pertencimento da comunidade escolar. Algumas ações possíveis:

- ◊ Atividades coletivas de expressão e elaboração — rodas de conversa, encontros com professores, funcionários, estudantes e famílias.
- ◊ Rituais simbólicos e memoriais — homenagens e atos em memória das vítimas.
- ◊ Continuidade das ações intersetoriais, mantendo o diálogo entre escola, saúde, assistência social e demais setores.

EM RESUMO

1. No momento do ataque, a prioridade é proteger vidas e acionar os serviços de saúde adequados.
2. Em seguida, o foco passa ao cuidado pós-crise. A criação de um Comitê Gestor é essencial para coordenar as ações.
3. A intersetorialidade — ou seja, o trabalho conjunto entre diferentes áreas — é fundamental para evitar sobreposição de ações e disputas institucionais.
4. Quando bem estruturado, o Comitê ajuda a construir uma resposta ética, cooperativa e orientada ao bem-estar coletivo.

3. PREMISSAS DA GESTÃO DO CUIDADO

A gestão do cuidado em SMAPS deve buscar estratégias coletivas, que considerem o contexto, os vínculos e as potências da comunidade. Não se trata apenas de oferecer atendimentos individuais, mas de fortalecer o tecido social afetado pela crise.

O trabalho de gestão da crise é coletivo e intersetorial. Envolve educação, saúde, assistência social, segurança pública, defesa civil, poder judiciário, sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente, entre outros.

A gestão integral do cuidado é um compromisso ético: o foco deve ser no fortalecimento da comunidade e na prevenção de novos agravos, respeitando o papel e os limites institucionais de cada profissional.

- ◊ Toda crise gera sofrimento, mas isso não significa necessariamente a presença de um transtorno mental. Reações físicas e emocionais são esperadas e fazem parte do processo de enfrentamento.
- ◊ A maioria das pessoas não precisa de intervenção especializada, mas sim de escuta, acolhimento e estabilidade.
- ◊ É importante atenção especial a quem já vivia situações de vulnerabilidade ou sofrimento intenso antes do evento.
- ◊ As estratégias devem favorecer a redução do sofrimento agudo, prevenindo adoecimentos posteriores e permitindo que cada pessoa elabore o ocorrido a seu próprio tempo.
- ◊ Cada profissional deve compreender sua função e posição institucional, evitando sobreposição de ações ou dificuldade de comunicação entre equipes e setores.

QUESTÕES A CONSIDERAR AO ELABORAR ESTRATÉGIAS DE CUIDADO:

Durante e após uma crise, é importante que as ações de cuidado sigam uma lógica planejada, colaborativa e continuada. **Abaixo estão alguns pontos que podem orientar o trabalho das psicólogas e equipes intersetoriais.**

PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO

- Elabore um calendário mínimo de três meses para acompanhar as ações de cuidado. Sempre que possível, utilize o referencial da GIRD, considerando o aspecto longitudinal do cuidado.
- Promova grupos de escuta com diferentes públicos — professores, funcionários, estudantes e familiares —, em horários e formatos variados. Idealmente, conduza esses grupos em dupla ou equipe, garantindo acolhimento e partilha de responsabilidades.
- Compartilhe informações e oriente sobre reações esperadas após um evento crítico, ajudando a comunidade a reconhecer sintomas físicos e emocionais comuns nessas situações.
- Divulgue materiais psicoeducativos — cartilhas, guias rápidos ou *cards* — que orientem sobre primeiros cuidados psicológicos e autocuidado coletivo.

AÇÕES DE ESCUTA E ACOLHIMENTO

- Crie um plantão psicológico ou de acolhimento psicossocial, que sirva como ponto de referência para quem precisar conversar.
- Inclua, se possível, um número de telefone ou contato para situações de urgência emocional.
- Realize atendimentos individuais apenas quando necessário, especialmente se você estiver vinculada a serviços como CAPS, UPA, hospital ou pronto-socorro. Nos demais contextos, busque priorizar ações coletivas e grupais.
- Dê atenção especial às pessoas diretamente envolvidas — quem pediu socorro, quem tentou proteger outras pessoas, quem presenciou cenas impactantes, quem realizou a limpeza do local, entre outras. Essas experiências podem exigir cuidados mais próximos e delicados.
- Em alguns casos, pode ser difícil para a pessoa conversar com a psicóloga vinculada à gestão. Nessas situações, considere encaminhamentos adequados ou reforce o sigilo profissional de modo claro e acessível.

CUIDADOS SIMBÓLICOS E INSTITUCIONAIS

- Se estiver em posição que permita, cuide para que os pertences das pessoas envolvidas sejam tratados com sensibilidade: higienizados, separados e entregues às famílias com delicadeza. Esses objetos têm valor afetivo e simbólico, podendo representar a memória e a identidade das vítimas.
- Mantenha-se em diálogo constante com outras instituições e profissionais. Atue de forma colaborativa, articulando esforços e fortalecendo o trabalho em rede.
- Aproxime-se das forças de segurança, especialmente quando envolvidas na resposta ao evento.
- Esses profissionais também podem estar fragilizados e se beneficiar de orientações sobre primeiros cuidados psicológicos.

IMPORTANTE

A sensação de segurança é também subjetiva.

Para uma criança, o brincar é uma forma de se sentir protegida. Uma escola será percebida como segura quando o brincar voltar a ser possível.

4. ARTICULAÇÃO COM O COMITÊ GESTOR DA CRISE

Quando ocorre uma situação de violência extrema em uma escola, é fundamental organizar um Comitê Gestor da Crise.

Esse grupo reúne pessoas de diferentes áreas e tem como função planejar, coordenar e acompanhar as ações de resposta e cuidado.

O Comitê deve:

- Acompanhar todo o processo, desde o momento inicial de resposta até as etapas de reconstrução e retomada das atividades.
- Apoiar decisões institucionais, como suspensão ou retorno das aulas, comunicação com as famílias e estratégias de acolhimento.
- Manter diálogo permanente com outras instituições e com a comunidade escolar, assegurando transparência e escuta.

SUGERE-SE QUE O COMITÊ GESTOR DA CRISE:

- Seja criado respeitando as **hierarquias institucionais e intersetoriais**, reunindo representantes:
  - » da comunidade escolar (direção, professores, funcionários, familiares e estudantes);
  - » da gestão da rede de educação;
  - » da atenção básica de saúde;
  - » dos serviços de assistência social do território;
  - » e de outros setores relevantes.
- **Trabalhe de forma colaborativa, preferencialmente em grupos ou duplas,** lembrando que os próprios profissionais também podem ter sido afetados pela crise. (Consulte o Volume 1 – Orientações a Profissionais de Saúde).
- **Estabeleça um calendário de reuniões.** No início, elas podem ocorrer uma ou duas vezes ao dia, permitindo compartilhamento de informações e acompanhamento das ações.
- **Apresente-se e mantenha canais de comunicação com outras instituições, voluntários e gestores municipais,** criando rotinas de contato e mantendo fluxos claros e periódicos de informação.
- Garanta uma **comunicação regular com a comunidade escolar** — preferencialmente sempre pelo mesmo canal, horário e com uma pessoa de referência. Essa previsibilidade ajuda a restaurar o sentimento de segurança e a confiança coletiva.
- Organize uma **lista de pessoas afetadas**, direta ou indiretamente, com sigilo e proteção de dados pessoais, conforme a legislação vigente.
- **Planeje o retorno gradual às atividades escolares**, considerando o ritmo e as necessidades emocionais de cada grupo.
- Baseie as decisões em **referências científicas e éticas da Psicologia,** sustentando as escolhas técnicas do Comitê.
- **Cuide da equipe gestora da crise**, promovendo momentos de pausa, escuta e acolhimento e lembrando que quem cuida também precisa ser cuidado.

EVITE

- Elaborar listas de pessoas consideradas “de risco” ou supostos futuros agressores. Essas práticas aumentam o estigma e não contribuem para o bem-estar coletivo.
- Excluir profissionais de determinadas áreas das ações de cuidado. Inclua todas as categorias envolvidas na escola — professores, diretores, profissionais da limpeza, portaria, secretaria, merenda, vigilância e demais trabalhadores.

A resposta a uma crise é sempre mais efetiva quando todas as pessoas da instituição se reconhecem como parte da reconstrução.

5. ESTRATÉGIAS PARA ARTICULAÇÃO EM REDE

Em momentos de crise, **a escola pode se tornar um espaço de acolhimento e recuperação/reconstrução coletiva.**

Promova suporte e expressão emocional

- **Atividades expressivas:** ofereça desenho, escrita, música, incentivo à criação de memoriais e rituais simbólicos, respeitando a diversidade.
- **Rodas de conversa:** proposição de encontros com escuta ativa, mas sem obrigatoriedade de fala.
- **Psicoeducação:** explique, em linguagem simples, que reações emocionais são comuns após eventos críticos. Isso ajuda a reduzir angústias.
- **Escuta ativa e presença:** esteja disponível para conversar, mas não force a verbalização. Deixe claro que cada um tem seu tempo.
- **Validação de sentimentos:** reforce que não há certo ou errado em experienciar (ou não) determinadas emoções.
- **Espaços de relaxamento e descompressão:** crie espaços para descanso, leitura, jogos leves ou brincadeiras livres.

Ajuste das rotinas com sensibilidade

- **Flexibilize demandas:** sugira que professores revisem prazos, tarefas e acolham eventual dificuldade de concentração dos estudantes, se ocorrer.
- **Retorno como reconstrução:** o retorno às atividades deve ser compreendido como um passo na recuperação/reconstrução coletiva, e não apenas como uma obrigação ou cobrança por produtividade.

Um ataque a uma escola pode intensificar conflitos e dificuldades que já existiam, como:

- **Problemas de comunicação**
- **Dificuldades na gestão do trabalho**
- **Insatisfações com relações trabalhistas**
- **Questões estruturais do ambiente escolar**

É comum que a crise seja interpretada como um resultado desse contexto prévio. Por isso, um incidente grave pode – e deve – abrir espaço para discussões estruturais significativas.

Lembre-se: gestores, professores e funcionários também estão entre as pessoas afetadas. Para orientações específicas sobre o cuidado a esses profissionais, consulte o Volume 1 – "Orientações a Profissionais de Saúde".

6. MATERIAIS DE APOIO

- Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (CRP/RS). Redes de Prevenção e Enfrentamento à Violência na Escola.
- Organização Pan-Americana da Saúde. Primeiros Cuidados Psicológicos.
- Ministério da Educação. Guia Psicossocial de orientações para a Comunidade Escolar. Como agir em situações de crise?
- Ministério da Educação. Nota Técnica nº 735/2024/GAB/SECADI/SECADI.
- Ministério da Saúde. Série Saúde Mental e Atenção Psicossocial em Desastres.

Clique nos textos sublinhados para acessar os materiais

CRPRS
Conselho Regional de Psicologia
do Rio Grande do Sul